



**DA BESTILIDADE E DA PRESENÇA DO MAL NA LITERATURA
BRASILEIRA: O ANTI-HUMANISMO EM MEMÓRIAS DE LÁZARO, DE
ADONIAS FILHO**

Ludimila Moreira Menezes (Universidade de Brasília)

RESUMO: Desde uma perspectiva sincrônica da Literatura que faz perviver toda uma tradição literária de matiz anti-humanista que não vislumbra a linguagem em certa missão salvacionista e edificante do mundo, do nacional, essa comunicação pretende refletir acerca da inscrição de *Memórias de Lázaro* (1952), de Adonias Filho na historiografia brasileira e discutir como a irrupção do mal no romance forja uma economia de dissipação da virtude, de desumanização da paisagem social e de suas interações, da experiência com o bestial como condição inexorável para se pensar a alteridade e a construção do tempo pós-apocalítico que acossa os narradores e os personagens do Vale do Ouro. Ante uma linguagem de lastro expressionista que se perfaz sob o signo dos escombros de um mundo arruinado, confessado pelo personagem Alexandre, essa comunicação pretende desde os estudos de George Bataille sobre a Literatura e o Mal e o Erotismo pensar a atração entre as catástrofes que enredam o romance (assassinato, incesto, iminência de epidemia, mutilação animal) e o mal como mote narrativo em *Memórias de Lázaro*.

Palavras-chave: Literatura. Mal. Anti-Humanismo. Erotismo. Expressionismo.

Essa comunicação sobrevém à tese de doutorado sobre a obra *Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso que traz em suas potências anti-humanistas e malditas uma força outra que a da literatura brasileira consagrada em compêndios escolares e em uma historiografia canônica que almejam a redenção do humano, do nacional. Diante desse estudo a verificação de que há uma tradição que não se encerra em um projeto de ímpeto humanista com pretensões à comunicação, à síntese e à redenção do material histórico e do repertório emocional e que investe na noção de literatura como dispêndio, produções ficcionais que forjam significâncias que excedem ao dito representativo do enredo e que sob o influxo de temas, de estilemas, de linguagens que se radicalizam pelos sentidos desatados dos pactos de referencialidades ou mesmo da ontologia de empenho que estruturou certo fazer literário.

Antonio Candido em “O direito à literatura” reflete acerca do processo de humanização viabilizado pela literatura que confirmaria no homem traços considerados essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor, assim como argumenta que não é possível haver equilíbrio social sem a literatura. É emblemático que essa defesa ainda ressoe em seu ímpeto pedagógico de atribuir uma função humanista à literatura e reputar à leitura do texto literário, o desenvolvimento da quota da humanidade na sociedade

Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante. (CANDIDO, 1995, p. 243)

Sob esse prisma, a noção de melhoramento da sociedade advinda de certo regime ético comprometido com o social alçaria a um patamar de empenho contínuo as produções literárias negociando uma economia textual que pretere a linguagem não alinhada (aos paradigmas humanistas) às obras de matiz humanista. O legado dessas reflexões não é inaugurado por Antonio Candido, é expressiva a ênfase dada por Silvio Romero, - História da Literatura, 1888, - a uma concepção de literatura associada à noção de cultura, atada ao conceito desenvolvimento e independência da nação.

João Alexandre Barbosa em seu *A Biblioteca Imaginária* (1996) argumenta que se no caso das literaturas europeias e norte-americanas a fixação do cânone resultou do aparecimento de grandes ensaios de interpretação da herança cultural do ocidente, no caso brasileiro a formação do cânone literário seguiu, de bem perto, o próprio desenvolvimento de nossas relações de dependência e de autonomia com vistas às fontes metropolitanas. O autor destaca que nos esforços de estabelecer um corpus de autores e obras identificados como brasileiros e diferenciados das origens europeias se sobrelevava “o discurso histórico-literário, desde as suas mais incipientes manifestações românticas, passando pela extraordinária sistematização de Sílvia Romero, em fins do

século XIX, até as reformulações modernas e contemporâneos.” (BARBOSA, 2003, p. 23-24)

Da conjunção de retóricas nacionalistas advindas dos críticos românticos, das críticas de linhagem sociológica que reputam à literatura um lugar de atividade e (re) construção da sociedade parto dos estudos de George Bataille sobre a Literatura e sua inorganicidade para pensar a inscrição do romance *Memórias de Lázaro*, desde sua linguagem e temática expressionista, em uma historiografia vincada em pressupostos de projeção do nacional e de empenho social redenção.

O filósofo francês argumenta que por ser inorgânica, a literatura é irresponsável: “Nada se apoia nela. Ela pode dizer tudo. (BATAILLE, 1989, p. 22), essa perspectiva aliada à noção batailleana de que a civilização esculpida pela lógica do trabalho e suas leis que forjam a regularidade e o interdito ainda experimenta lances de fissura desde vislumbres, eventos, tensões que explorem, transgridam pressupostos e paradigmas socioculturais constitutivos da ontologia da descontinuidade do indivíduo, animada pela tópica da vida útil comparecem em uma leitura do romance de Adonias Filho. Uma leitura que reconhece no âmbito de dissolução do mundo agenciado pelo equilíbrio das forças sociais um movimento de desagregação que incide ou capitaliza em um mundo outro marcado pela animalidade, pelo excesso que é contínuo, mesmo que em revindas, perene e inegociável. Nos termos de George Bataille há uma oposição do mundo do trabalho ou da razão ao mundo da violência, assim, para o autor, o mundo do trabalho e da razão seria a base da vida humana, mas o trabalho não nos absorveria por completo e mesmo que a razão comande, a obediência nunca é ilimitada:

Por sua atividade, o homem edificou o mundo racional, mas sempre subsiste nele um fundo de violência e, por mais razoáveis que nos tornemos, uma violência pode nos dominar de novo que não é mais a violência natural, que é a violência de um ser de razão, que tentou obedecer, mas sucumbe ao movimento que nele mesmo não pode reduzir à razão.

Há na natureza e subsiste no homem um movimento que sempre excede os limites, e que jamais pode ser reduzido senão parcialmente. Desse movimento, geralmente não conseguirmos dar conta. Por definição, ele é mesmo aquilo de que jamais dará conta, mas perceptivelmente vivemos em seu poder: o universo que nos carrega não corresponde a nenhum fim que a razão limite, e se tentamos fazê-la corresponder a Deus, não fazemos mais que associar irracionalmente o excesso infinito, em presença do qual está nossa razão, e essa mesma razão. Mas pelo excesso que está nele, esse Deus, de que gostaríamos de formar uma noção apreensível, não cessa, excedendo essa noção, de exceder os limites da razão. (BATAILLE, 2013, p. 63-64)

Memórias de Lázaro, publicado em 1952, compõe com *Servos da Morte*, livro de 1946 e com *Corpo Vivo*, de 1962 a “Trilogia do Cacau” assinada pelo estilema de Adonias Filho que aproxima o brutalismo advindo da força pictórica que constrói e revela mundos de marasmo, de excessos, de violências a um cenário de dimensões anímicas trágicas acochado por um porvir implacável que em *Memórias de Lázaro* não negocia com nenhum rastro de redenção. É como se diante desse tempo estagnado, no Vale do Ouro, a linguagem assumisse uma espessura agônica de reminiscências que não franqueiam quaisquer promessas de testemunhos fieis, tampouco de possibilidades de fuga.

Entre as marcas inclementes de um estado latente de decomposição da família de Alexandre, da família de Rosália, dos infortúnios que fundam e reverberam a experiência comunitária de matiz pós-apocalíptica se engendra uma economia agônica que explora ao máximo a tensão entre fuga e pertencimento, se manifesta disseminações plásticas de um Vale que assim como a figura bíblica de Lázaro recende a morte. Se para com George Bataille pensar o mal como o princípio oposto de uma maneira irremediável à ordem natural, que está nos limites da razão e realçar, no romance, a conexão entre excesso e perversidade para além da emergência de uma ideia de culpa e de punição: “A morte, sendo a condição da vida, o Mal, que se liga em sua essência à morte, é também, de uma maneira ambígua, um fundamento do ser. O ser não é consagrado ao Mal, mas deve, se o pode, não se deixar encerrar nos limites da razão.” (BATAILLE, 1989, p. 27). O Vale animado por revindas que não tem como destino a ressurreição. A trajetória dos narradores pode até esboçar algum contato, acesso com a indulgência e alguma iminência de transubstanciação de mundo, esboço que é rasurado e salgado pela condição perene de perversidade, do excesso que combinam uma dinâmica do êxtase (suscitada pelas incessantes buscas, quebras de limites) a um movimento vertiginoso de dissolução do ser, da vida como algo produtivo.

Não é pela ênfase em possíveis leituras que identificam certo determinismo, o qual extraia da espacialidade contextual a noção de inevitabilidade que investirei por essa análise. Ainda que o romance explore as implicâncias do mal de origem, do mal que assedia, obseda e contribui para o aparecimento de impulsos destrutivos em uma frente que poderia ser lida como natural, ao focalizar os personagens apostos em uma leitura que destaque e desdobre como a animalidade das relações sociais (pela visceralidade do signo que depõe sobre os rumos do infortúnio) constrói, vinca, impregna desde a potência polifônica, desde o encadeamento de suplícios e desde o

desamparo existencial, uma paisagem desoladora, entranhada em uma ossatura de rochas também forjada pelo domínio de enunciados, de plasticidade expressionista, de tumultos, de ventos, de urros e de silêncios. A densidade da aniquilação se traduz pelas vidas nuas que não se emancipam, escapam de leis citadinas mas não se conformam aos códigos tácitos que parecem designar alguma cosmovisão em constante abertura ao rudimentar, ao isolamento, ao acabado e sob expansões sombrias e ambivalências, em plena luz do dia não se reduzem a meros habitantes assolados pelo destino inexorável:

Os cães leprosos de Gemar Quinto, todos no vale recordam. Mortos a pedradas, a distância, na porta do dono. O incêndio de sua casa, ele escapando ao fogo, saindo pela porta e rompendo a fumaça. Acolheu-o a floresta, todos atentos, prevenidos, inquietos. Abílio morreu, morreu João Cardoso, mas a lepra conserva a vida de Gemar Quinto. Ao que dizem, é um entulho. Uma chaga o corpo inteiro. Não fala, pois já não tem língua. Mas anda, aos tropeços, invencível como o vale. (FILHO,1978, p.67)

Há uma reação pelo mal, os personagens não desvanecem pelo fracasso. Pela fatalidade, trilham um percurso materializado pelo abjeto onde o sentido da regeneração é negado, a única sobrevivência possível não é a do milagre, é a do martírio inarredável, da vingança, da acusação, do crime, da consumação do mal: a cena narrada por Roberto, irmão de Rosália em que a assassina do pai se entrega ao personagem leproso do romance, Gemar Quinto, vislumbrando dizimar toda a população do Vale é ilustrativa do grau de consumação que afeta a narrativa. Rosália com o mesmo ímpeto de Juliette, heroína sadiana que dentre os repertórios de seus deboches está a consumação por incêndio de trinta e sete hospitais que abrigavam mais de vinte mil pessoas na Itália onde passava as férias. Os sacrifícios reconhecidos da teatral narrativa sadiana se distinguem da linguagem adonisiana que por mais que invista em hierarquias (do silêncio, do passado) não leva a cabo um projeto de anti-moralidade que deva corroer práticas normativas, o Vale parece ser o último refúgio dos desabrigados, a marca invisível de uma comunidade de expatriados. Em “Estrangeiros para nós mesmos” o estudo de Kristeva sobre o desenraizamento e as relações desatadas desde a presença do estrangeiro como a face oculta da nossa identidade, como o espaço que arruína a nossa morada “o tempo em que se afundam o entendimento e a simpatia. Do amor ao ódio, o rosto do estrangeiro nos força a manifestar a maneira secreta que temos de encarar o mundo, de nos desfigurarmos todos, até nas comunidades mais familiares, mais fechadas” (Kristeva, 1994) catalisa uma percepção ao texto adonisiano, o Vale como

terreno estrangeiro, os habitantes ensimesmados em suas perdas, traumas, lutos se estranham perenemente, o Vale como disseminação metafórica de abismo.

Sob o influxo de técnicas consideradas modernas como o fluxo de consciência, a presença de narradores suspeitos, o descentramento da figura autoral empenhada em um projeto de reativação literária nacional como se percebera no repertório de romances da geração de 30 e 45 analisados por João Luiz Lafeté e Luiz Bueno, *Memórias de Lázaro* com sua linguagem que não se inscreve em uma tradição regionalista e, antes aponta e explora temas expressionistas como a morte, a travessia, o erotismo, o luto, a inadequação em um mundo de feições pré-moderna em que a fatura literária não se ativa pela correspondência dialética, para retomar a tese de Candido, entre elementos externos inerentes ao processo social que são transformados em fatores internos sob o resultado de obra literária e, antes se perfaz sob o domínio das variações e significâncias dos acontecimentos trágicos, dos movimentos de transgressão que forjam o romance.

Sob esse aspecto, o romance investe em um realismo de vertente expressionista acochado pela tópica da solidão, da escatologia, do vício que gera uma dramatização de dimensões ora trágicas, ora niilistas. Os lembramentos do narrador-personagem figuram como percursos de uma linguagem que se extrema pelo pathos, pela urgência de conexão e redimensionamento da história, em contrapartida, a travessia e o retorno ao Vale marcam a tônica de uma dessacralização do personalismo que antes impunha vingança, escrita e porvir como garantias da existência. Prevalece a percepção de que um réquiem sem garantia do repouso eterno é orquestrado e o desabrigo como elemento dessa liturgia faz do corpo e da voz dos personagens um território de enunciação das perdas, da fusão entre discurso memorialista, fatalista, lutuoso e de vingança que na economia textual forja núcleos semânticos que dão concretude ao passado irrecuperável, significâncias múltiplas aos crimes, ao tempo de violações.

Linguagem como transgressão de um silêncio que estagna, o signo que não elege a perspectiva ideal se contamina das impressões ambíguas das confissões. Da passagem violenta ao mundo da civilização, a linguagem se diferencia ao forjar significâncias que se rasuram diante de cada morte, de cada luto, de cada lembramento. A imagem da transgressão que se prolonga na noção de terror discutida por Lúcio Cardoso, autor de *Crônica da casa assassinada* (romance que também se inscreve nessa tradição anti-humanista de *Memórias de Lázaro*) em seu Diário de Terror, parece inegável aos acontecimentos, a imagística do Vale, o terror como atração ao ilimitado, ao impulso de ultrapassamento:

Chamo de terror à época em que é possível o pleno conhecimento do ser, não de suas condições psicológicas, mas de suas prerrogativas abissais e estranhas. Terror é a época do conúbio com o abismo, não porque conquistemos uma fictícia liberdade, mas porque a liberdade nos conquista, somos ela própria, voltados para o segredo que é o nosso verdadeiro clima.

O terror é uma época de ultrapassamento. É um impulso único e violento de todo o ser para regiões de intempéries e de insegurança; é uma dilatação anormal para zonas inabitadas e desumanas, onde somos o único guia, o único farol, além de fronteiras que não nos seria permitido atravessar em épocas comuns, e onde encontramos finalmente a essência esquiua, ambiciosa e cheia de espanto que nos governa. (CARDOSO, 2012, p. 520)

O autor de *Crônica* evidencia que — o terror é a época da criação no centro da catástrofe. (Cardoso, 2012, p.523) e ainda argumenta que o terror —não é um movimento de abertura e de esclarecimento, mas ao contrário, uma ocasião de fuga, uma possibilidade de segredo e de renúncia à luz do dia (CARDOSO, 2012, p. 522). O ciclo de rupturas com o factual da tradição regionalista e seu empenho em transformar a realidade: o exótico, a atração aos elementos identitários bem como a urgência de participar com marcas autorais de uma comunidade imaginada em curso se fortalece pela emergência de uma voz elocutória que pressagia e experimenta pela dicção fragmentária a radicalidade da morte, pouco interessada em se inscrever em uma tradição humanista desde o seu projeto ficcional. Assim como em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* em *Memórias de Lázaro* há uma voz que forja angulações e pontos de vista ao enredo e esse sujeito recende luto e morte.

Entre a linguagem que subterrânea irrompe como sina e destemor, a força da insuficiência que George Bataille vê como o próprio excesso, o personagem Alexandre retido no acúmulo de crimes, lançado em um cisma vertiginoso com a comunidade de intrusos que se assume como Vale experimenta a promessa fracassada de pertencimento a um mundo-não-barbárie. Um romance que se confessa como culpado, que o périplo encarnado no único exílio possível não segue os segredos do mar, a ventura do retorno porta antes, a realização da morte nua, ainda que cataclísmica diante da textura e significâncias do canal de iodo.

Referências

FILHO, Adonias Aguiar. (1975). *Corpo vivo*. São Paulo: Difel.

_____. (1978). *Memórias de Lázaro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

- BARBOSA, João Alexandre. (2003). *A biblioteca imaginária*. Ateliê Editorial.
- BATAILLE, George. (2013). *O erotismo*. Trad de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- _____. (1989). *A literatura e o mal*. Trad. de Suely Bastos. Porto Alegre: L&PM.
- BUENO, Luís. (2006). *Uma História do Romance de 30*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp.
- CANDIDO, Antonio. (1995). O direito à literatura. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades.
- CARDOSO, Lúcio. (2009). *Crônica da casa assassinada*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- _____. (2012). *Diários*. Lúcio Cardoso; organização, apresentação, cronologia, estabelecimento de texto e notas Ésio Macedo Ribeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- KRISTEVA, Julia. (1994). *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco.
- LAFETÁ, João Luiz. (2001). *1930: a crítica e o Modernismo*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34.